

coleção
reconstruir

SONIA RODRIGUES

O VIAJANTE DO ESPAÇO

Reconstrução livre da Odisseia
Homero

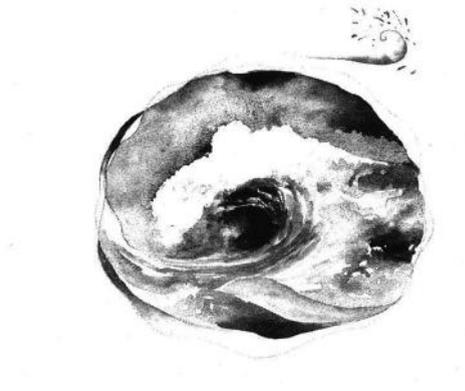


Ilustração
ANDRÉA VILELA

Conforme a nova ortografia

Formato

FICHA CATALOGRÁFICA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Rodrigues, Sonia
O viajante do espaço / Sonia Rodrigues ;
Ilustração Andréa Vilela, – São Paulo :
Formato Editorial, 2001. – (Reconstruir)

"Reconstrução livre da Odisseia, Homero"

ISBN 978-85-7208-306-5

1. Literatura infantojuvenil I. Vilela, Andréa .
II. Título. III. Série.

01-1666

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5
2. Literatura juvenil 028.5

2ª edição
9ª tiragem, 2015

 **VIAJANTE DO ESPAÇO /**  **ODISSEIA**

Coleção *Reconstruir*

Texto © 2001 SONIA RODRIGUES

Ilustração © SANDRA BIANCHI / ANDRÉA VILELA

Editoria

SONIA JUNQUEIRA

Editoria de Arte

NORMA SOFIA

Assistência Editorial

JAKELINE LINS

Secretaria Editorial

FLAVIA ARAÚJO

Editoração Eletrônica

BRUNO MARTINS

Revisão

ANA ELISA RIBEIRO e JAKELINE LINS (revisão final)

Direitos reservados à

SARAIVA S.A. Livreiros Editores

Rua Henrique Schaumann, 270 - Pinheiros

05413-010 – São Paulo – SP

SAC

0800-0117875

De 2ª a 6ª, das 8h30 às 19h30

www.editorasaraiva.com.br/contato

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem o
consentimento por escrito da editora.

958442.002.009

SUMÁRIO

O DESAPARECIDO	5
O DESAFIO	21
ALIADOS E INIMIGOS	32
O RECONHECIMENTO	71
PRAIA, FANTASIA E GUITARRA	87
CARTA AO LEITOR	90

N. do E. Virando este livro ao contrário, você encontrará o mito *Odisseia*, que este *O viajante do espaço* procura reconstruir, conforme se explica na *Carta ao leitor*, p. 90.

O DESAPARECIDO



A ilha era diminuta, coberta de flores e arbustos que davam frutos descomunais, totalmente em desacordo com o tamanho dos troncos que os abasteciam de seiva. Quando chegara ali a nado, depois de se deixar arrastar pela estranha corrente de água quente, quase uma estrada no meio do mar, Miguel não resistira a comer as frutas muito doces ou muito ácidas que se ofereciam em profusão de cores.

As frutas eram saborosas e lindas. Provocavam também uma sensação de bem-estar, de prazer. Bastavam elas para que Miguel se sentisse saciado.

Nos primeiros dias – Miguel os contava pelo tempo que se passava desde que acordava com o sol alto até

adormecer, mal ele desaparecia no horizonte – ele se sentia num estado de bem-aventurança. Andava pela ilha, bebia água numa fonte e, quando sentia fome, colhia um dos frutos exuberantes sempre ao alcance da mão. Um imenso lagarto castanho-escuro, com olhinhos maliciosos, o seguia por todo lado, manso, amigo, a ponto de se estirar ao seu lado quando ele, cansado de não fazer nada, se deitava numa sombra e dormia.

Certa manhã, acordou mais cedo que de costume e, passando a mão no rosto, estranhou a maciez da pele.

– Engraçado, tantos dias aqui e não me nasceu barba – comentou com o lagarto, que dormia ao seu lado.

Era um fato estranho e lhe trazia, muito de longe, a lembrança de alguma coisa que não deveria ter esquecido mas esquecera. Passou cismado o resto da manhã, o lagarto ao seu lado, tão cismado que seu apetite diminuiu. Seria alguma doença que impedia o seu rosto de se cobrir de pelos? E se os cabelos caíssem?

Olhando-se no lago junto à fonte de água doce, Miguel se imaginou careca, e aquilo se lhe afigurou detestável. Mas não. Os cabelos estavam lá, negros, encaracolados, curtos. Não haviam crescido.

Tirou a roupa para tomar banho e notou que o tecido se fazia velho, a calça já esgarçando nas costuras. No fundo de um dos bolsos, um pequeno animalzinho inanimado. Ele tentou se lembrar, mas não sabia também como fora parar ali.

– Esquisito! Por que minha roupa está caindo aos pedaços em tão pouco tempo?

Pela primeira vez, o olhar do lagarto lhe pareceu malévol, como se o bicho soubesse de coisas que ele ignorava. Enraivecido, deu um chute no animal, que se afastou ganindo como um cachorrinho de estimação magoado por uma injus-

tiça do dono. Miguel então pegou a coisa e guardou-a de novo no bolso.

Naquele dia, comeu muito pouco, andou pela ilha inquieto, e o sol se pôs sem que ele tivesse sono. O lagarto sumira e, com remorso por tê-lo maltratado, Miguel saiu a procurá-lo na noite estrelada, lua alta.

Não achou o animal em parte alguma e já desistia de sua busca noturna quando viu, com o maior susto, uma mulher linda sentada na beira do mar, num recanto da ilha. A noite estava prestes a acabar, mas ainda faltava para nascer o dia, e a desconhecida pareceu a Miguel uma boa nova, alguém que saberia informar que ilha era aquela, e talvez até soubesse como sair dali. Ele se aproximou cauteloso, mas alguma coisa deve ter denunciado a sua presença, pois a mulher se voltou na direção de seus passos e, correndo, fugiu.

Depois de procurá-la em vão, pensando ter sido uma miragem, Miguel adormeceu na praia e teve um sonho estranho, com um navio que tinha um grande e único olho na proa e uma mulher já velha e rabugenta dizendo a um menino moreno que se contorcia de cólicas:

– Eu já lhe disse que a única solução para quem se entope de doces é tomar água e chá, um santo remédio. Olha o que eu faço com essa porcariada. – A mulher dizia isso e jogava vários bastões coloridos no mar, e o menino que se parecia com ele tentava fugir do remédio amargo que ela lhe empurrava pela boca enquanto tapava seu nariz e segurava firme seus braços, para que ele não se livrasse da cura.

– Não faça, isso, Bá – implorava o menino, e a megera insistia, correndo atrás dele com um vidro e uma colher na mão.

Ele acordou assustado, o Sol nascia e ao seu lado estavam as belas frutas da ilha, como se alguém as tivesse colhido

enquanto ele dormia e as tivesse deixado ali de presente. Junto às frutas, o lagarto.

Miguel recuou enojado. As frutas se pareciam estranhamente com os doces coloridos do sonho.

– Você não sabe que doce demais dá cólicas, lagarto? – perguntou, como se o bicho pudesse compreendê-lo. – Hoje, pelo menos, não como estas frutas, nem que me paguem. Olha o que eu faço com estas delícias.

Miguel foi atirando as frutas no mar, sob o olhar desconsolado do lagarto.

– Sabe que às vezes você parece gente? Ou um cachorrinho pidão.

Miguel passou a mão pelo couro áspero do bicho e ele realmente parecia um cachorro, prestes a se jogar de costas e oferecer a barriga para ser acariciada.

– Venha, vamos ver se encontramos alguma forma de pegar um peixe. Hoje quero variar o cardápio. Peixe assado e água. Acho que a Bá aprovaria essa dieta. Mas, afinal, quem é Bá? Eu deveria saber, mas esqueci completamente.

Miguel seguiu para o interior da ilha, acompanhado pelo lagarto, que bamboleava triste atrás dele, como se estivesse descontente com alguma coisa.

Técio chegou ao quarto, vindo da escola. Sabia que chegar em casa significava colocar a mochila no lugar certo na estante, trocar de roupa, lavar as mãos, almoçar. Cumprimentar a empregada, antes de tudo. A mãe fazia questão.

Bá, porém, compreendia que ele não podia cumprimentar ninguém, muito menos se preocupar em arrumar objetos,

como livros e cadernos, antes de mexer na guitarra. A guitarra era nova, presente de aniversário. Era sua prioridade. Cheirar a guitarra, dedilhar um pouquinho as suas cordas, experimentar o som. Não via a hora de começarem as aulas com João Márcio, que odiava ser chamado por esse nome. "Mentor musical", era assim que ele se denominava. Conseguir uma aula particular com ele era bem difícil, e Técio estava orgulhoso de si mesmo porque não só a aula estava marcada para o dia seguinte, como também MM dissera que ele "levava jeito".

Bá entendia, ao contrário da mãe. Estava velha, meio cega, mas ainda fazia quase tudo naquela casa e era capaz de sentir o que se passava na cabeça de rapazes de dezesseis anos. Como ele. Não se incomodava com seu meio resmungo quando entrava em casa vindo do colégio, desesperado para tocar no presente. Em meia hora, ela bateria na porta avisando: "o almoço está na mesa", e não se incomodaria que ele não aparecesse a não ser muito tempo depois. Como não se incomodaria também de esquentar novamente a comida já fria quando ele, finalmente, sentasse à mesa. Bá sabia das coisas.

Naquele dia, porém, não foi a velha empregada que bateu na porta do quarto. Foi a mãe, Clarice. Técio fazia uma imitação até razoável de Frejat em frente do espelho do armário embutido, quando percebeu a mãe olhando e sorrindo. Ele não havia escutado a batida na porta, provavelmente por causa do barulho da música que saía do aparelho de som. Muito alto.

– Eu bati, você não ouviu – Clarice comentou bem-humorada, enquanto o filho, sem graça, desarmava a pose e guardava a guitarra.

– Devia ter batido mais forte – reclamou Técio. – E se eu estivesse pelado? Trocando de roupa?

– Ora, eu sou sua mãe, troquei suas fraldas, dei banho em você. Já o vi pelado mil vezes. – Ela desmanchou o cabelo dele, como se Técio ainda fosse criança. E o filho pensou em como as mães não têm sintonia com certas coisas.

– Você não devia estar no trabalho?

– Devia, mas resolvi tirar uma folga para conversar com você.

Problema. E grande. Clarice não viria almoçar em casa por pouco. Uma das vantagens de ser filho único, pensava Técio, era saber, numa frase, o que esperar da mãe. Passou em revista, rapidamente, as possibilidades. O boletim do bimestre não havia sido entregue ainda. Ele não cometera nenhuma falta grave no colégio. Ela não tinha como saber que ele bebera além da conta na festa do último sábado para tomar coragem de se aproximar de uma menina.

Clarice detestaria saber da bebida. Não aprovava exageros. E odiava drogas. Legais ou ilegais. Para a mãe, qualquer incursão nesse território – e não adiantava argumentar que cerveja se encontra em qualquer bar ou festa – era motivo de discussão. Discutir com a mãe representava endurecimento de limites. A guitarra e as aulas de música passavam a correr perigo. Tomando nota mentalmente para se manter longe do álcool, Técio esperou que a mãe contasse o motivo de ter ido para casa àquela hora.

– Técio, eu recebi hoje uma proposta e gostaria de ouvir sua opinião, meu filho.

As conversas muito sérias sempre começavam assim. Eram raras, Clarice gostava de ser mãe, mas em algumas áreas fazia questão de se apoiar no filho. Dividir com ele a responsabilidade das decisões.

– Manda – disse Técio, despreocupado. Devia ser alguma despesa maior, uma viagem, ele pensou.